

## A RELAÇÃO ENTRE MODERNIZAÇÃO DO CAMPO E O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO EM MUNICÍPIOS DE PEQUENO PORTE

FELIX, Rosane<sup>1</sup>; LINCK, Ieda Márcia Donati.<sup>2</sup>;  
LINCK, Isaura Luiza Donati.<sup>3</sup>; SANTOS, Dioser Maron dos<sup>4</sup>.

**Palavras-chaves:** Agricultura. Êxodo rural. Modernização. Urbanização.

### Introdução

A urbanização em escala universal constitui um fenômeno próprio dos séculos XIX e XX. O Brasil, no entanto, passa a experimentar este fenômeno apenas nos últimos decênios. De fato, a urbanização na Europa e na América do Norte prolongou-se por mais de um século e meio, enquanto que, entre nós, durou aproximadamente cinquenta anos. A rapidez deste processo trouxe consigo severas consequências de ordem sócio-econômicas, para o que não se vislumbram soluções num horizonte próximo. Contudo, a compreensão deste problema depende da adequada caracterização do modelo de urbanização brasileira, como ênfase para os seus aspectos democráticos e sociológicos, para o que os dados oriundos dos censos do IBGE são bastante reveladores (ROSSATO, 1996).

Nossa observação nos permite dizer que, há pelo menos 30 anos, a região que apresentou ritmo mais intenso de urbanização foi, sem sombra de dúvidas, a Centro- Oeste, pois Rossato (1996), afirma que ainda em 1970 esta região tinha índices semelhantes às demais, com exceção do sudeste; em 1991, distancia-se significativamente do Sul, Nordeste e Norte. Segundo o autor, em 30 anos viveu-se um processo tão ativo de urbanização, o qual passa de 1/3 da população urbana em 1960 para 4/5 em 1991, mais do que triplica o número de participação efetiva. A taxa média geométrica de incremento anual da região, segundo observações feitas, foi de 7,69, enquanto que a mesma taxa para o Brasil foi de 4,44.

Situações semelhantes às citadas anteriormente se configuram na comunidade observada, Nova Boa Vista-RS. Nesse contexto, há 30 anos iniciou um processo migratório intenso para as regiões calçadistas, no Vale dos Sinos. Os mais jovens, mesmo com família constituída, saíram de lá em busca de melhores condições de trabalho do que as no campo.

<sup>1</sup> Mestre em Extensão Rural pela UFSM. Assessora dos Assuntos Internacionais da Unicruz. Professora de Extensão Rural da Unicruz. Email: felix@comnet.com.br

<sup>2</sup> Docente da Unicruz. Mestre em Educação. Mestre em Linguística pela UPF. Doutoranda em Linguística. Coordenadora do Proies. Membro do GEL Unicruz e do LabCorpus/ UFSM. E-mail: imdlinck@gmail.com

<sup>3</sup> Acadêmica do Curso de Agronomia da Unicruz. Bolsista Fapergs/Unicruz. E-mail: isauralinck@hotmail.com

<sup>4</sup> Acadêmico do Curso de Medicina Veterinária da Unicruz. Email: dioserms@gmail.com

Nesse período, além de três grandes estiagem consecutivas, que deixou muitos produtores endividados, não havia incentivo do governo para subsidiar os custos da agricultura. Essa busca desenfreada por um emprego com salário fixo, carteira assinada, juntamente ao sonho dos filhos terem mais acesso à educação compõem o cenário migratório em muitas cidades além da que estamos analisando. Ou seja, não foi um processo isolado, mas quase que generalizado. Como consequência houve um aumento das cidades na região metropolitana e, conseqüentemente, um esvaziamento do interior. Felizmente, isso não durou muito, pois com as emancipações de pequenos municípios, houve também uma retenção de muitos ali na sua terra natal. Caso isso não tivesse acontecido, os vilarejos, hoje sedes municipais, teriam desaparecido, tamanho foi a saída da população.

Mesmo assim, apesar de todos os incentivos oferecidos pelo governo para a permanência da população nos lugares de origem, os dados mostram claramente como os pequenos municípios perdem cada vez mais a sua importância dentro do contexto brasileiro. Os municípios com menos de 2000 habitantes, que chegaram a representar 81,43% dos municípios, e 19,17% da população, em 1940, hoje somam ainda 60,14% dos aglomerados, mas apenas 4,16% da população. Certamente, os dados do recenseamento de 1991 confirmaram esta tendência. E ainda mais: 78,1% dos municípios têm menos de 5000 habitantes (ROSSATO, 1996).

### **Métodos e Metodologia**

Esse trabalho divide-se em dois momentos. O primeiro é resultado de discussões acadêmicas em relação de qual seria o perfil do agricultor hoje, quais suas condições de vida e a evolução dos seus métodos de produção, bem como o porquê do esvaziamento do interior, que se dá a partir de um processo migratório interno, no qual o agricultor desloca-se da propriedade rural para a sede dos pequenos municípios. O segundo busca desencadear novas discussões a partir da constatação do alto número de “taperas” no interior dos pequenos municípios, apesar de que para este trabalho nosso foco volta-se a apenas um município, Nova Boa Vista. A escolha do mesmo se deve ao fato de ser a terra natal dos nossos antepassados e a constante visita ao local, durante essas duas décadas, cujas observações desconfortam, mas permite torná-lo uma base para entender um fenômeno muito semelhante em todos os demais que o circundam.

## Resultados e discussões

Mesmo que de forma embrionária, já que pretendemos continuar pesquisando a respeito, esta pesquisa nos permite dizer que a modernização da agricultura é sim causa do processo de urbanização ocorrido no Brasil. Para Rossato (1996), a urbanização em escala universal constitui um fenômeno próprio dos séculos XIX e XX, estando diretamente ligada à modernização da agricultura, cuja mão de obra braçal utilizada anteriormente foi sendo dispensada. As famílias com pequenas propriedades não dão conta da permanência dos filhos no interior, pois além da pouca terra, as intempéries do tempo, a falta de financiamentos, a ideia de carteira assinada e o sonho de ver os filhos estudando, fez com que os pais instigassem seus filhos a irem morar na cidade. Assim, os jovens foram motivados, inclusive pela mídia, a irem em busca de melhores condições de trabalho nas cidades; muitos em busca dessa tal formação acadêmica.

Os dados são impressionantes, pois conforme contagem feita, no município de Nova Boa Vista, em 1980, num perímetro de 20 km no interior havia 40 casas, hoje restam apenas 10, sendo que duas delas fechadas. Outro aspecto interessante é que os antepassados daquela região tiveram de derrubar com machados e serrotes as matas, para ali criarem seus filhos. Há 40 anos não havia um pedaço de terra sem ser produzido. Hoje, apenas as terras que podem ser trabalhadas com máquinas são cultivadas, as demais estão sendo reflorestadas, umas de forma natural; outras, com eucaliptos. Essa é uma prova de que o processo de mecanização mudou o perfil do produtor. Além disso, isso é reflexo da ausência quase que total de mão de obra. Não há quem queira ou possa plantar nas ladeiras e morros existentes. É o ciclo do desmatamento se desfazendo de forma natural. Não estamos dizendo se isso é certo ou errado, bom ou ruim, apenas mostrando uma nova forma de vida, em um novo tempo, ou um recomeço.

Enfim, buscamos nesse texto mostrar que realmente o processo de urbanização atual tem se dado de forma diferente, ou seja, os pequenos proprietários tem-se aglomerado nos pequenos centros dos municípios do interior. Há um esvaziamento quase que total das propriedades de pequenos agricultores rurais do município a que nos propomos a estudar: Nova Boa Vista. Apenas permanecem na propriedade de origem aqueles que foram comprando as terras em torno ou plantando em forma de arrendamento. Vale também registrar que mesmo aqueles que ainda plantam suas terras moram na sede do município.

Nossa proposta foi buscar entender que a urbanização está vinculada com a modernização. Podemos afirmar que não há como separar esse dois processos, pois

urbanização é sim resultado da modernização. Mesmo o governo procurando estimular a permanência dos agricultores no campo, através da criação de diversos planos que visam o incentivo à produção, bem como a melhoria da qualidade de vida desses agricultores, como os planos “Proterra”, “Propec”, “Pronagem”, “Mais Alimentos”, “Crédito Rural”, “Plano Safra”, “Casa no Campo”, eles permanecem nas terras até se aposentarem, depois disso mudam-se para o centro do município.

## Conclusões

Depois de realizada a pesquisa bibliográfica, nos damos por conta que a modernização no meio rural permite uma expansão para os centros. O que antes provocou o êxodo rural, o enchimento das grandes cidades, hoje permite que o dono das pequenas propriedades arrende suas terras a quem dispõe da tecnologia e recursos, e mude-se para os aglomerados, criando um novo processo, pautado no processo migratório interno, resultando na aglutinação, pensada por Rossato(1996).

Entender isso é ir em busca das nossas raízes, é constituir-se como sujeitos, cujos antepassados tiveram de desbravar terras para produzirem o seu próprio alimento, bem como constituíram famílias enormes, para que os filhos pudessem servir de mão de obra. E mais, é perceber ciclos migratórios que estão se modificando e se extinguindo. Entender isso é observar o contexto atual numa perspectiva sociológica, ampliando horizontes, além da sala de aula.

Isso não é diferente no estudo que fizemos, pois alguém está lucrando com esse esvaziamento da colônia. Inclusive, o preço pago por hectare arrendado diminuiu muito nos últimos anos, uma vez que são poucos que têm intenção em arrendar as terras daqueles que, agora envelhecidos, não têm nem força nem capital para continuar na cadeia produtiva. Eis aí a relação capital trabalho, defendida por Marx.

## Referências bibliográficas

AGRA, Nadine Gualberto; SANTOS, Robério Ferreira dos. In: **Agricultura Brasileira: situação atual e perspectivas de desenvolvimento. Disponível em:** <[http://www.gp.usp.br/files/denru\\_agribrazil.pdf](http://www.gp.usp.br/files/denru_agribrazil.pdf)> Acesso em 22 de setembro de 2013.

MARX, Karl. **A origem do capital.** Editora Centauro, São Paulo, p. 116, 2004.

ROSSATO, Ricardo. **Século XX: Urbanização e Cidadania.** Editora Palotti, Santa Maria, p.96, 1996.



SANTOS, Robério Ferreira dos. Análise crítica da interpretação neoclássica do processo de modernização da agricultura brasileira. In: SANTOS, R.F. dos. **Presença de viéses de mudança técnica da agricultura brasileira**. São Paulo: USP/IPE, p.39-78, 1986.